

Carmina Burana

Carl Orff

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA



SET-DEZ 2025

São Carlos em *andamento*

LISBOA 20 SET 18H30
TEATRO CAMÕES

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Concerto de Abertura da Temporada

CARL ORFF (1895-1982)

Carmina Burana

Fortuna Imperatrix Mundi

1. *O Fortuna*
2. *Fortune plango vulnera*

I. Primo vere

3. *Veris leta facies*
 4. *Omnia Sol temperat*
 5. *Ecce gratum*
- Uf dem anger
6. *Tanz*
 7. *Floret silva*
 8. *Chramer, gip die varwe mir*
 9. *Reie*
 10. *Were diu werlt alle min*

II. In Taberna

11. *Estuans interius*
12. *Olim lacus colueram*
13. *Ego sum abbas*
14. *In taberna quando sumus*

III. Cour d'amours

15. *Amor volat undique*
 16. *Dies, nox et omnia*
 17. *Stetit puella*
 18. *Circa mea pectora*
 19. *Si puer cum puellula*
 20. *Veni, veni, venias*
 21. *In trutina*
 22. *Tempus est iocundum*
 23. *Dulcissime*
- Blanziflor et Helena
24. *Ave formosissima*
- Fortuna Imperatrix Mundi
25. *O Fortuna*

Soprano Carla Caramujo

Tenor Marco Alves dos Santos

Barítono Christian Luján

Direção musical Antonio Pirolli

Coro da Escola de Música do Colégio Moderno

Francisco Pinheiro *Maestro titular*

do Coro da Escola de Música do Colégio Moderno

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Giampaolo Vessella *Maestro titular*

do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Duração

c. 65 minutos

Os Caprichos da Fortuna

É seguro dizer que a cantata cénica *Carmina Burana* (Canções de Beuren) de Carl Orff é a sua obra mais conhecida e bem-sucedida, ofuscando um catálogo detentor de muitos outros trabalhos. Aliás, *Carmina Burana*, considerada pelo autor como a sua primeira grande obra, é a parte inicial de um tríptico intitulado *Triunfos* que inclui os jogos cénicos *Catuli Carmina* (Canções de Catulo) (1943) e o concerto cénico *O Triunfo de Afrodite* (1951), ambas sobre poemas de Catulo e raramente executadas.

O tríptico atesta o interesse de Orff pelo período que vai da Antiguidade Clássica ao Barroco, inclusive. Para *Carmina Burana*, estreada em 1937, o autor selecionou um grupo de poemas (mas sem citar qualquer música) do manuscrito homónimo do século XIII, editado em 1847 por A. Schmeller. Encontrado na abadia beneditina de Beurendaí, o nome latinizado que o editor lhe deu –, o conjunto terá, porém, sido compilado na Caríntia ou no Tirol com o patrocínio de um mecenas abastado, depositado em Beuren e depois, em 1803, transferido para Munique. Esse manuscrito contém cerca de 250 poemas e peças musicais dos séculos XII-XIII, formando um repertório profano compósito, na maioria em latim, mas com algumas canções em alto alemão-médio e arpitano. Em geral, as peças são atribuídas aos goliardos e aos clérigos errantes, poetas e compositores ativos numa vasta área geográfica da Europa Central, embora o termo «goliardos» seja, com frequência, aplicado a ambos. Contudo, mais que vagabundos inúteis e debochados, como às vezes as letras podem fazer crer, os clérigos errantes, em geral, serviam cortes ou outros patronos e mantinham liga-

ções à Igreja, enquanto os goliardos (discípulos de Golias) preferiam manter-se à margem da sociedade e criticá-la acerbamente. As temáticas usadas eram ecléticas, e a notoriedade das *Carmina Burana* assenta sobretudo em textos sobre o jogo ou a bebida, canções de amor insinuantes, por vezes no limite do obsceno, bem como paródias irreverentes de serviços litúrgicos.

Orff organizou a sua cantata numa introdução e numa conclusão que aludem à errática deusa Fortuna (canções 1-2; 25) e, depois, em três partes com canções de temáticas aparentadas, mas sem que haja personagens ou um fio narrativo. No entanto, nelas estão patentes os altos e baixos da vida que resultam do movimento inexorável e aleatório da roda da Fortuna: I – «Primo Vere/Uf dem anger» (Primavera/No Prado, canções 3-5/6-10); II – «In Taberna» (Na Taberna, canções 11-14) e III – «Cour d'amour» (A corte do amor, canções 15-24).

O uso de textos medievais implicou a partilha de muitas das suas características originais: a maioria encontra-se em forma estrófica (estrita, variada ou com refrão), ou emparelhada, havendo assim repetição imperativa. De facto, mais que a harmonia, a repetição aliada à forma é, tal como o ritmo de tipo propulsor que transparece a influência de Stravinski, um elemento estrutural basilar, e o resultado detém uma sonoridade global de tipo popular e/ou arcaizante.

Carmina Burana assenta sobretudo em peças corais com melodias em uníssono e em estilo maioritariamente silábico, embora também ornamentado ou misto, com ocasionais desdobramentos em acordes que criam maior impacto pelo efeito-surpresa.. Os coros são muito diversificados: há um coro misto nuclear que se pode organizar num grupo menor ou, apenas, em coro feminino, coro masculino, coro de vozes agudas ou graves e há, ainda, mas só na parte III, um coro de vozes brancas. Todos estes grupos podem

ser interpolados com solistas, embora haja canções a solo (soprano, tenor ou barítono), bem como peças ou secções meramente instrumentais (n.º 6; início da n.º 9). Note-se a presença de uma orquestra ampla e com um grande naipe de percussão e o uso de várias técnicas expressivas, criando um caleidoscópio de timbres e texturas que vão de grandes massas a secções camerísticas, com recurso a solos instrumentais.

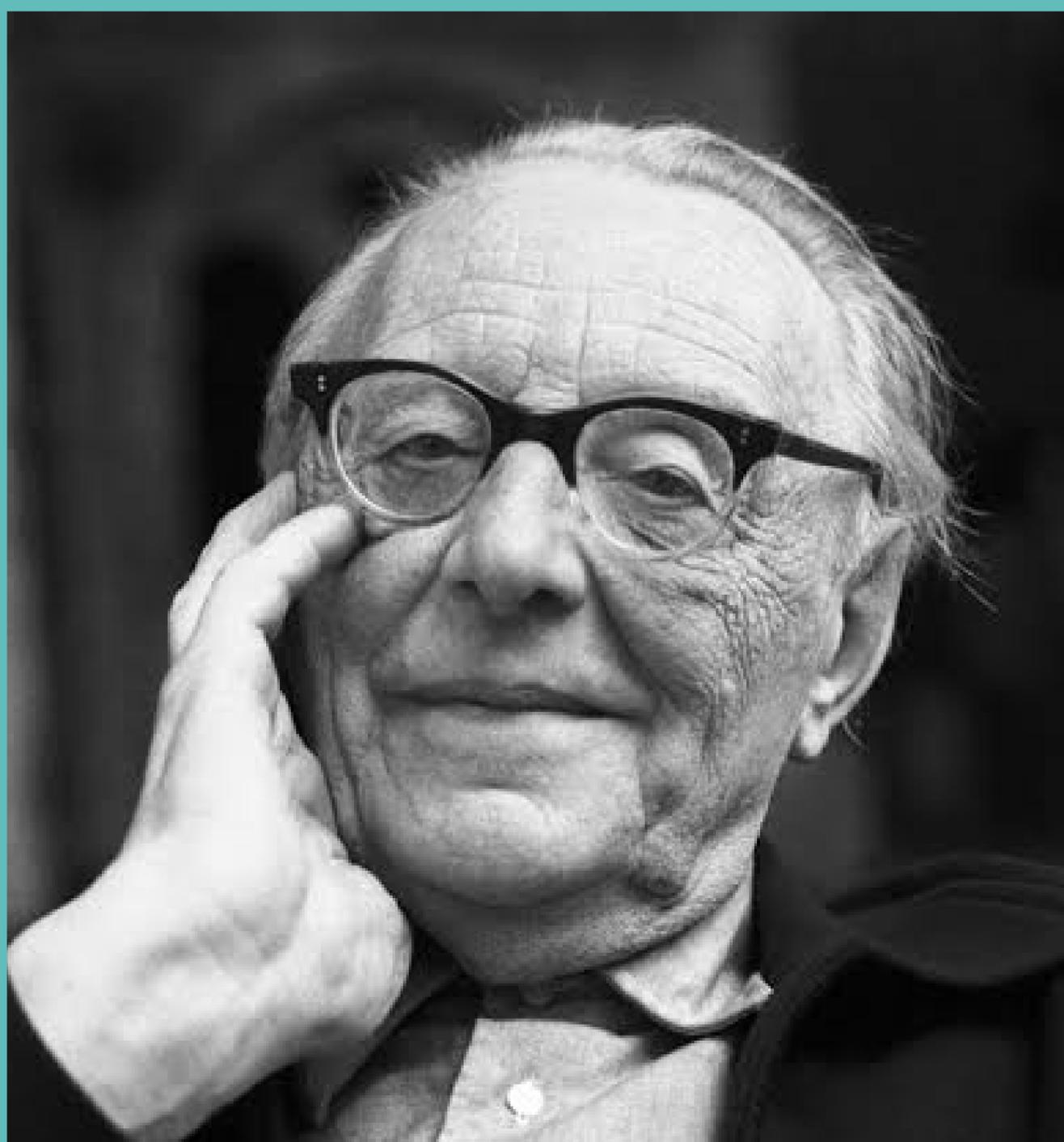
Há secções memoráveis, mormente toda a parte II em que os solos de tenor e barítono ostentam, como, aliás, outras peças a solo, marcas operáticas em estilo italiano, indo da amarga reflexão sobre a vida na canção n.º 11, passando pela brilhante canção do cisne assado, com o seu uso do falsete parodiante (n.º 12), o embriagado «abade» dos pecadores (n.º 13) e, por fim, o coro de tipo orgiástico sobre a taberna, antro de vícios (n.º 14). Em toda esta secção, as vozes femininas estão ausentes, mas tal não é o caso das partes I e III, mais centradas na temática do amor, como o seu despontar metafórico na primavera (parte I) e os seus anseios (n.º 7; 17), jogos de sedução (n.ºs 8-9; 18; 20), antecipações (n.º 22), consumações (n.ºs 9; 23), frustrações (n.º 16) e zombarias, como na n.º 24, celebração da deusa do amor, Vénus, parodiando a virgem Maria. No entanto, nada ultrapassa o impacto da peça inicial e conclusiva, «Fortuna», que, ao fechar o círculo, nos lembra que a roda da Fortuna governa o mundo, girando implacavelmente, e que todos estamos à mercê dos seus caprichos.

Bárbara Villalobos

Musicóloga

Carl Orff

(1895-1982)



Fortuna Imperatrix Mundi

1. O Fortuna

(Coro)

*O Fortuna,
velut luna
statu variabilis,
semper crescis
aut decrescis,
vita detestabilis,
nunc obdurat
et tunc curat;
ludo mentis aciem,
egestatem,
potestatem
dissolvit ut glaciem.*

*Sors immanis
et inanis
rota tu volubilis,
status malus,
vana salus,
semper dissolubilis,
obumbrata
et velata
mihi quoque niteris;
nunc per ludum
dorsum nudum
fero tui sceleris.*

*Sors salutis
et virtutis
michi nunc contraria,
est affectus
et defectus
semper in angaria.
Hac in hora
sine mora
corde pulsum tangite;
quod per sortem*

Fortuna Imperatriz do Mundo

1. Ó Fortuna

(Coro)

Ó Fortuna,
variável
como a lua,
sempre cresces
ou decresces,
detestável vida,
ora oprimes
ora alivias;
brincas com a nossa mente,
a miséria,
o poder
fundem-se como gelo.

Destino cruel
e vão,
roda, tu que giras;
e és perversa
a felicidade é vã,
sempre a dissimular-se;
pela sombra
e em segredo
aproximas-te de mim;
entrego o meu dorso nu
ao jogo da tua
perversidade.

A sorte na saúde
e a virtude
são-me agora contrárias;
afeições
e derrotas
estão sempre presentes.
Nesta hora
sem demora
tangi a corda vibrante;
pois que a sorte

*sternit fortem,
mecum omnes plangite!*

2. Fortune plango vulnera

(Coro)

*Fortune plango vulnera
stillantibus ocellis
quod sua michi munera
subtrahit rebellis.
Verum est, quod legitur,
fronte capillata,
sed plerumque sequitur
occasio calvata.*

*In Fortune solio
sederam elatus,
prosperitatis vario
flore coronatus;
quicquid enim florui
felix et beatus,
nunc a summo corruui
gloria privatus.*

*Fortune rota volvitur:
descendo minoratus;
alter in altum tollitur;
nimis exaltatus
rex sedet in vertice
caveat ruinam!
nam sub axe legimus:
Hecubam reginam.*

I - Primo Vere

3. Veris leta facies

(Coro piccolo)

*Veris leta facies
mundo propinatur,*

derruba o forte,
chorai todos comigo!

2. Choro as feridas da fortuna

(Coro)

Choro as feridas da fortuna
com olhos transbordantes
pois, o que ela me dá,
rebelde, logo me toma.
Na verdade, está escrito
que a cabeça coberta de cabelos,
quando se quer tomar,
calva se mostra.

No trono da Fortuna
sentei-me com orgulho,
coroado com as várias flores
da prosperidade.
Floresci então
feliz e abençoado,
eis-me agora caído do cume
e privado de glória.

Girou a roda da fortuna:
eu desço aviltado;
outro é levado para o alto;
no cimo de tudo
senta-se o rei, no vértice,
ele que se previne de cair!
E no eixo da roda lê-se:
Rainha Hécuba.

I - Primavera

3. O alegre rosto da primavera

(Coro piccolo)

O alegre rosto da primavera
oferece-se ao mundo.

*hiemalis acies
victa iam fugatur,
in vestitu vario
Flora principatur,
nemorum dulcisono
que cantu celebratur. Ah!*

*Flore fusus gremio
Phebus novo more
risum dat, hoc vario
iam stipate flore.
Zephyrus nectareo
spirans it odore.
Certatim pro bravio
curramus in amore. Ah!*

*Citharizat cantico
dulcis Philomena,
flore rident
vario
prata iam serena,
salit cetus avium
silve per amena,
chorus promit virginum
iam gaudia millena. Ah!*

4. Omnia Sol temperat

(Barítono)

*Omnia Sol temperat
purus et subtilis,
novo mundo reserat
faciem Aprilis,
ad amorem properat
animus herilis
et iocundis imperat
deus puerilis.*

*Rerum tanta novitas
in solemni vere
et veris auctoritas
iubet nos gaudere;
vias prebet sólitas,
et in tuo vere*

As forças do inverno,
já fogem, vencidas,
com a sua roupa colorida
Flora assume o poder,
os bosques celebram-na
com os seus cantos. Ah!

Reclinado no regaço de Flora
Febo ri de novo,
agora rodeado
de múltiplas flores.
Zéfiro respira
o suave odor.
Aceitemos o desafio,
corramos pelo amor. Ah!

A doce Filomena
faz soar a sua cítara.
Os prados, cobertos de flores
coloridas,
sorriem serenos,
bandos de pássaros atravessam
a beleza dos bosques,
o coro das virgens
anuncia mil alegrias. Ah!

4. O sol tudo tempera

(Barítono)

O sol tudo tempera
puro e suave,
de novo revela ao mundo
o rosto de abril,
o coração do homem
é impelido para o amor.
Sobre toda a beleza
reina um deus pueril.

A renovação da natureza
na solene primavera
pela sua autoridade
exige que nos alegremos;
abre-nos caminhos conhecidos,
e que, na tua primavera,

*fides est et probitas
tuum retinere.*

*Ama me fideliter,
fidem meam nota:
de corde totaliter
et ex mente tota
sum presentialiter
absens in remota,
quiquis amat taliter,
volvitur in rota.*

5. Ecce gratum

(Coro)

*Ecce gratum
et optatum
Ver reducit
gaudia,
purpuratum
florete pratum
Sol serenat omnia.
Iam cedant tristia!
Estas redit,
nunc recedit
Hyemis sevitia. Ah!*

*Iam liquescit
et decrescit
grando, nix et cetera;
bruma fugit,
et iam sugit
Ver Estatis ubera;
illi mens est misera,
qui nec vivit,
nec lascivit
sub Estatis dextera*

*Gloriantur
et letantur
in melle dulcedinis,
qui conantur,
ut utantur
premio Cupidinis:
simus iussu Cypridis
gloriantes*

seja justo e correto
que desfrutes do que te pertence.

Ama-me fielmente,
vê como sou fiel:
do fundo do coração
e do fundo da alma,
estou perto de ti,
mesmo quando estou longe.
Quem ama desta forma
é levado pela roda.

5. Eis a bela

(Coro)

Eis a bela
e desejada
primavera que traz de volta a
alegria,
o prado floresce
cor de púrpura.
O sol torna tudo sereno,
desaparece a tristeza!
O verão regressa,
agora desaparecem
os rigores do inverno. Ah!

já se fundem
e desaparecem
o gelo, a neve e o resto;
a bruma foge
e a primavera alimenta-se
no peito do verão,
É certamente infeliz
aquele que não vive
e não se entrega
ao reino do verão.

Brilham
e gozam
na doçura do mel
aqueles que ousam
e aspiram
ao prêmio de Cupido.
Sob o comando de Afrodite
glorifiquemos

*et letantes
pares esse Paridis. Ah!*

e rejubilemos
a exemplo de Páris. Ah!

Uf Dem Anger No Prado

6. Tanz

(Orquestra)

6. Dança

(Orquestra)

7. Floret silva

(Coro)

*Floret silva nobilis
floribus et foliis.
Ubi est antiquus
meus amicus? Ah!
Hinc equitavit!
Eia, quis me amabit? Ah!*

7. A nobre floresta

(Coro)

A nobre floresta
cobre-se de flores e folhas.
Onde está
o meu amor antigo? Ah!
Partiu a cavalo!
Quem me amará? Ah!

*Floret silva
undique,
nah mine gesellen ist mir we.
Gruonet der walt
allenthalben
wa ist min geselle alse
lange? Ah!
Der ist geriten hinnen,
o wi, wer soll mich minnen? Ah!*

O bosque floresce por toda a
parte,
tenho saudades do meu amor.
O bosque verdeja por toda a
parte,
porque se demora tanto o meu
amado? Ah!
Cavalgou para longe,
quem me amará? Ah!

8. Chrumer, gip die varwe mir

(Soprano e Coro)

*Chrumer, gip die varwe mir,
die min Wengel roete,
damit ich die jungen
man
an ir dank der minnenliebe noete.*

8. Mercador, dá-me a cor

(Soprano e Coro)

Mercador, dá-me a cor,
para avermelhar a minha face
para que possa obrigar os
rapazes
a amarem-me irresistivelmente.

*Seht mich an
jungen man!
lat mich ju gevallen!*

Olhem para mim,
rapazes!
Deixem-me seduzir-vos!

*Minnet, tugentliche man,
minnecliche frouwen!
minne tuot iu hoch gemout
unde lat iuch in hohen eren
schouwen.*

*Seht mich an
jungen man!
lat mich iu gevallen!*

*Wol dir, werit, daz du bist
also freudenriche!
Ich will dir sin undertan
durch din liebe immer
sicherliche.*

*Seht mich an,
jungen man!
lat mich ju gevallen!*

9. Reie

(Coro)

*Swaz hie gat umbe,
daz sint allez megede,
die wellent an man
alle disen sumer gan! Ah! Sla!*

*Chume, chum, geselle min
ih enbite harte din,
ih enbite harte din,
chume, chum, geselle min.*

*Suzer rosenvarwer munt,
chum um mache mich gesunt,
chum um mache mich gesunt,
suzer rosenvarwer munt.*

*Swaz hie gat umbe,
daz sint allez megede,
die wellent an man
alle disen sumer gan! Ah! Sla!*

Amai, homens justos,
as mulheres dignas do amor!
O amor enobrece-vos
e é a expressão da vossa
honra.

Olhem para mim,
rapazes!
Deixem-me seduzir-vos!

Salve mundo, pois és
tão rico em alegrias!
Quero ser teu vassalo
sempre protegido pela tua
bondade.

Olhem para mim,
rapazes!
Deixem-me seduzir-vos.

9. Dança de roda

(Coro)

Todas as que andam nesta roda
são donzelas,
e não querem nenhum homem
todo este verão. Ah!

Vem, vem, meu amor
ansiei tanto por ti,
ansiei tanto por ti,
vem, vem, meu amor.

Doces lábios rosados,
venham e curem-me,
venham e curem-me,
doces lábios rosados.

Todas as que andam nesta roda
são donzelas,
e não querem nenhum homem
todo este verão. Ah!

10. *Were diu werlt alle min*

(Coro)

*Were diu werlt alle min
von dem mere unze an den Rin
des wolt ih mih darben,
daz diu chunegin von Engellant
lege an minen armen. Hei!*

10. Se todo o mundo fosse meu

(Coro)

Se todo o mundo fosse meu,
desde o mar até ao Reno,
renunciar-lhe-ia de boa vontade
se a rainha de Inglaterra
repousasse nos meus braços. Hei!

II - In Taberna

11. *Estuans interius*

(Barítono)

*Estuans interius
ira vehementi
in amaritudine
loquor mee menti:
factus de matéria,
cinis elementi,
similis sum folio,
de quo ludunt venti.*

*Cum sit enim proprium
viro sapienti
supra petram ponere
sedem fundamenti,
stultus ego comparor
fluvio labenti,
sub eodem tramite
nunquam permanenti.*

*Feror ego veluti
sine nauta navis,
ut pet vias aeris
vaga fertur avis;
non me tenet vincula,
non me tenet clavis,
quero mihi similes
et adiungor pravis.*

II - Na Taberna

11. Queimando por dentro

(Barítono)

Queimando por dentro
com veemente ira
amargurado
digo a mim mesmo:
feito de matéria,
cinza dos elementos,
sou semelhante à folha
com que brincam os ventos.

Ainda que seja próprio
do homem sensato
firmar os alicerces
sobre a rocha;
eu sou louco,
sou como o rio que corre,
seguindo sempre
pelo mesmo caminho.

Ando à deriva
como um barco sem piloto,
ou como o pássaro errante
pelos caminhos do ar;
nenhum vínculo me prende,
nenhuma chave me aprisiona,
procuro os meus semelhantes
e junto-me aos insensatos.

*Mihi cordis gravitas
tes videtur gravis;
iocis est amabilis
dulciorque favis;
quicquid Venus imperat,
labor est suavis,
que nunquam in cordibus
habitat ignavis.*

*Via lata gradior
more iuventutis
implicor et vitiis
immemor virtutis,
voluptatis avidus
magis quam salutis,
mortuus in anima
curam gero cutis.*

12. Olim lacus colueram

(Tenor e Coro masculino)

*Olim lacus colueram,
olim pulcher existiteram,
dum cignus ego fueram.
Miser, miser!
modo niger
et ustus fortiter!*

*Garit, regirat garcifer;
me rogos fortiter;
propinat me nunc dapifer.
Miser, miser!
modo niger
et ustus fortiter!*

*Nunc in scutella iaceo,
et volitare nequeo
dentes frendentes video.
Miser, miser!
modo niger
et ustus fortiter!*

Meu coração pesado
é um fardo para mim;
o gracejo é agradável
e mais doce que o favo de mel;
onde quer que Vénus impere,
o trabalho é suave,
mas ela não habita
os corações fracos.

Meu caminho é largo
como o quer a juventude,
entrego-me aos seus vícios,
esquecido das virtudes,
ávido de prazer,
mais do que a salvação,
morta a minha alma,
só o meu corpo me importa.

12. Um dia morei no lago

(Tenor e Coro masculino)

Um dia morei no lago,
Um dia fui belo,
então era ainda um cisne.
Pobre de mim!
Agora tão negro
e tão queimado!

Gira que gira o assador;
o fogo queima-me;
O mestre de cerimónias prepara-me;
Pobre de mim!
Agora tão negro
e tão queimado!

Eis-me agora numa travessa,
incapaz de voar.
Vejo dentes rangendo à minha volta!
Pobre de mim!
Agora tão negro
e tão queimado!

13. *Ego sum abbas*

(Barítono e Coro masculino)

*Ego sum abbas Cucaniensis
et consilium meum est cum
bibulis,
et in secta Decii voluntas
mea est,
et qui mane me quesierit in
taberna,
post verperam nudus egredietur,
et sic denudatus veste clamabit:*

*Wafna, wafna!
quid fecisti sors turpassi!
Nostre vite gaudia
abstulisti omnia!
Ha ha!*

14. *In taberna quando sumus*

(Coro masculino)

*In taberna quando sumus
non curamus quid sit humus,
sed ad ludum properamus,
cui semper insudamus.
Quid agatur in taberna,
ubi nummus est pincerna,
hoc est opus ut queratur,
sic quid loquar, audiatur.*

*Quidam ludunt, quidam bibunt,
quidam indiscrete vivunt.
Sed in ludo qui morantur,
ex his quidam denudantur,
quidam ibi vestiuntur,
quidam saccis
induuntur.
Ibi nullus timet mortem,
sed pro Baccho mittunt sortem.*

*Primo pro nummata vini,
ex hac bibunt libertini;
semel bibunt pro captivis,*

13. Eu sou o abade

(Barítono e Coro masculino)

Eu sou o abade Cucaniense,
e o meu concílio é com os
bebedores
e quero pertencer à seita dos
jogadores de dados
e quem me procurar de manhã na
taberna,
à noite será despido,
e assim sem roupas, gritará:

Ai de mim! Ai de mim!
Que fizeste, sorte malvada!
Privaste-me
de todos os prazeres da vida.
Ah, ah!

14. Quando estamos na taberna

(Coro masculino)

Quando estamos na taberna
não pensamos no túmulo,
mas entregamo-nos ao jogo,
que nos faz sempre suar.
O que acontece na taberna,
onde o dinheiro é anfitrião,
isso vale a pena saber;
oiçam pois o que vos digo.

Uns jogam, outros bebem,
outros vivem de forma desregrada.
Mas dos que se entretêm ao jogo,
há os que ficam nus,
há os que ganham roupas,
há os que têm de vestir-se com
sacos.
Aqui ninguém teme a morte,
mas apostam todos por Baco.

Primeiro ao mercador de vinho,
daí bebem os libertinos;
uma vez pelos prisioneiros,

*post hec bibunt ter pro vivis,
quater pro Christianis cunctis,
quinquies pro fidelibus defunctis,
sexies pro sororibus vanis,
septies pro militibus silvanis.*

*Octies pro fratribus perversis,
nonies pro monachis dispersis,
decies pro navigantibus,
undecies pro discordantibus,
duodecies pro penitentibus,
tredecies pro iter agentibus.
Tam pro papa quam pro rege
bibunt omnes sine lege.*

*Bibit hera, bibit herus,
bibit miles, bibit clerus,
bibit ille, bibit illa,
bibit servus cum ancilla,
bibit velox, bibit piger,
bibit albus, bibit niger,
bibit constants, bibit vagus,
bibit rundis, bibit magus.*

*Bibit pauper et egrotus,
bibit exul et ignotus,
bibit puer, bibit canus,
bibit presul et decanus,
bibit soror, bibit frater,
bibit anus, bibit mater,
bibit iste, bibit ille,
bibunt centum, bibunt mille.*

*Parum sexcente nummate
durant, cum immoderate
bibunt omnes sine meta.
Quamvis bibant mente leta,
sic nos rodunt omnes gentes
et sic erimus egentes.
Qui nos rodunt,
confundantur
et cum iustus non
scribantur.*

três vezes pelos vivos,
quatro pela cristandade,
cinco pelos fiéis defuntos,
seis pelas irmãs perdidas,
sete pelos vadios.

Oito pelos irmãos desencaminhados,
nove pelos monges errantes,
dez pelos marinheiros,
onze pelos brigões,
doze pelos penitentes,
treze pelos viajantes.
À saúde do papa, como à do rei,
bebem todos sem lei.

Bebe a senhora, bebe o senhor,
bebe o soldado, bebe o padre,
bebe este, bebe aquela,
bebe o servo com a serva,
bebe o esperto, bebe o preguiçoso,
bebe o branco, bebe o negro,
bebe o sedentário, bebe o nómada,
bebe o tolo, bebe o sábio.

Bebem o pobre e o doente,
bebem o exilado e o desconhecido,
bebe a criança, bebe o velho,
Bebem o prelado e o diácono,
bebe a irmã, bebe o irmão,
bebe a avó, bebe a mãe,
bebe este, bebe aquele,
bebem cem, bebem mil.

Seiscentas moedas não chegam
se todos beberem sem limite
e sem moderação.
Mesmo se bebermos alegremente,
muita gente nos critica
e nos censura.
Que aqueles que nos censuram
sejam confundidos
e não sejam inscritos no livro dos
justos.

III - Cour d'amours

15. *Amor volat undique*

(Soprano e Coro de rapazes)

*Amor volat undique,
captus est libidine.
Iuvenes, iuencule
coniunguntur merito.
Siqua sine
socio,
caret omni gaudio;
tenet noctis infima
sub intimo cordis in custodia;
fit res amarissima.*

16. *Dies, nox et omnia*

(Barítono)

*Dies, nox et omnia
mihi surit contraria,
virginum colloquia
me fay planszer,
oy suvenz suspirer,
plu me fay temer.*

*O solades, ludite,
vos qui scitis dicite
mihi mesto parcite,
grand ey dolor,
ettamen consulite
pet voster honor.*

*Tua pulchra facies
me fay planszer milies,
pectus habet glacies.
A remender
statim vivus fierem
pet un baser.*

III - Corte dos amores

15. O amor voa por toda a parte

(Soprano e Coro de rapazes)

O amor voa por toda a parte,
prisioneiros do desejo.
Rapazes e raparigas
unem-se como devem.
Aquela que não tem um
companheiro,
não tem qualquer alegria;
guarda a noite profunda
no fundo do seu coração;
uma sorte muito amarga.

16. Dia, noite e tudo

(Barítono)

Dia, noite e tudo
me é contrário.
O tagarelar das virgens
faz-me chorar
e, com frequência, suspirar
e mais me faz temer.

Amigos, brincais,
falais do que desconheceis,
poupai-me, que estou infeliz,
grande é a minha dor,
aconselhai-me,
por vossa honra.

O teu belo rosto
faz-me chorar mil vezes,
o teu coração é de gelo.
Como remédio,
serei ressuscitado
por um beijo.

17. Stetit puella

(Soprano)

*Stetit puella
rufa tunica;
si quis eam tetigit,
tunica crepuit.
Eia!*

*Stetit puella
tanquam rosula;
facie splenduit,
os eius floruit.
Eia!*

18. Circa mea pectora

(Barítono e Coro)

*Circa mea pectora
multa sunt suspiria
de tua pulchritudine,
que me ledunt misere. Ah!*

*Mandaliet,
Mandaliet,
min geselle
chômet niet!*

*Tui lucent oculi
sicut solis radii,
sicut splendor fulguris
lucem donat tenebris. Ah!*

*Mandaliet,
Mandaliet,
min geselle
chômet niet!*

*Vellet deus, vellent dii
quod mente proposui:
ut eius virginea
reserasset vincula. Ah!*

17. Era uma rapariga

(Soprano)

Era uma rapariga
com uma túnica vermelha;
quando se lhe tocava
a túnica sussurrava.
Eia!

Era uma rapariga
como uma rosa;
a sua face resplandecia
e a sua boca florescia.
Eia!

18. No meu peito

(Barítono e Coro)

No meu peito
há muitos suspiros
porque és tão bela,
por isso sofro. Ah!

Mandaliet,
Mandaliet,
o meu amor
não vem!

Os teus olhos brilham
como raios de sol,
como o esplendor de um raio
ilumina as trevas. Ah!

Mandaliet,
Mandaliet,
o meu amor
não vem!

Queira Deus, queiram os deuses
apaciar o meu desejo:
ser eu a romper
os elos da sua virgindade. Ah!

*Mandaliet,
Mandaliet,
min geselle
chômet niet!*

19. Si puer cum puellula

(Coro masculino)

*Si puer cum puellula
moraretur in cellula,
felix coniunctio.
Amore sucrescente
pariter e medio
avulso procul tedio,
fit ludus ineffabilis
membris, lacertis, labii.*

20. Veni, veni, venias

(Coro)

*Veni, veni, venias,
ne me mori facias,
hyrca, hyrce, nazaza,
trillirivos...*

*Pulchra tibi facies,
oculorum acies,
capillorum series,
o quam clara species!*

*Rosa rubicundior,
lilio candidior,
omnibus formosior,
semper in te glorior!*

21. In trutina mentis dubia

(Soprano)

*In trutina mentis dubia
fluctuant contraria
lascivus amor et pudicitia.*

Mandaliet,
Mandaliet,
o meu amor
não vem!

19. Quando um rapaz e uma rapariga

(Coro masculino)

Quando um rapaz e uma rapariga
se encontram no quarto,
a união é feliz.
Cresce o amor
e entre os dois
desaparece o pudor,
começa um jogo inexprimível
de membros, braços, lábios.

20. Vem, vem, vem

(Coro)

Vem, vem, vem,
não me deixes morrer.
Hirca, hirca, nazaza,
trillirivos...

Belo é o teu rosto,
o brilho dos teus olhos,
a trança dos teus cabelos,
gloriosa criatura!

Mais vermelha que a rosa,
mais branca que o lírio,
tu, a mais bela,
serás sempre a minha glória.

21. Na balança do meu coração

(Soprano)

Na balança do meu coração
oscilam, em contradição,
o amor lascivo e o pudor.

*Sed eligo quod video,
collum iugo prebeo;
ad iugum tamen suave transeo.*

22. *Tempus est iocundum*

(Soprano, Barítono e Coros)

*Tempus est iocundum
o virgines,
modo congaudete
vos iuvenes!
Oh, oh, oh!
Totus floreo,
iam amore virginali totus ardeo!
Novus, novus amor est, quo
pereo!*

*Mea me confortat
promissio,
mea me deportat
negatio.
Oh, oh, oh!
Totus floreo,
iam amore virginali totus ardeo!
Novus, novus amor est, quo
pereo!*

*Tempore brumali
vit patiens,
animo vernali
lasciviens.
Oh, oh, oh!
Totus floreo,
iam amore virginali totus ardeo!
Novus, novus amor est, quo
pereo!*

*Mea mecum ludit
virginitas,
mea me detrudit
simplicitas.
Oh, oh, oh!
Totus floreo,*

Mas escolho o que vejo
e coloco o meu pescoço sob o jugo;
ao jugo suave me submeto.

22. O tempo está agradável

(Soprano, Barítono e Coros)

O tempo está agradável,
ó virgens,
alegrem-se connosco,
ó rapazes!
Oh! Oh! Oh!
Todo eu floresço,
inflamado por um amor virginal!
Novo, novo amor que me
consume!

A minha promessa
Conforta-me,
a minha recusa
deprime-me.
Oh! Oh! Oh!
Todo eu floresço,
inflamado por um amor virginal!
Novo, novo amor que me
consume!

No tempo das brumas
o homem é paciente.
O sopro da primavera
torna-o lascivo.
Oh! Oh! Oh!
Todo eu floresço,
inflamado por um amor virginal!
Novo, novo amor que me
consume!

A minha virgindade
brinca comigo
e preserva a minha
simplicidade.
Oh! Oh! Oh!
Todo eu floresço,

*iam amore virginali totus ardeo!
Novus, novus amor est, quo
pereo!*

*Veni, domicella,
cum gaudio,
veni, veni pulchra,
iam pereo.
Oh, oh, oh!
Totus floreo,
iam amore virginali totus ardeo!
Novus, novus amor est, quo
pereo!*

23. *Dulcissime*

(Soprano)

*Dulcissime, Ah!
Totam tibi subdo me!*

Blanziflor et Helena

24. *Ave formosissima*

(Coro)

*Ave formosissima,
gemma pretiosa,
ave decus virginum,
virgo gloriosa,
ave mundi luminar,
ave mundi rosa,
Blanziflor et Helena,
Venus generosa!*

inflamado por um amor virginal!
Novo, novo amor que me
consume!

Vem, minha amada
com alegria
vem, vem, ó bela
que eu morro!
Oh! Oh! Oh!
Todo eu floresço,
inflamado por um amor virginal!
Novo, novo amor que me
consume!

23. A ti, o mais doce

(Soprano)

A ti, o mais doce. Ah!
Entrego-me inteiramente!

Blanziflor e Helena

24. Salve, formosíssima

(Coro)

Salve, formosíssima,
gema preciosa,
salve, orgulho das virgens,
virgem gloriosa,
salve, luz do mundo,
salve, rosa do mundo,
Blanziflor e Helena,
Vénus generosa!

Fortuna Imperatrix Mundi

25. O Fortuna

(Coro)

*O Fortuna,
velut luna
statu variabilis,
semper crescis
aut decrescis,
vita detestabilis,
nunc obdurat
et tunc curat;
ludo mentis aciem,
egestatem,
potestatem
dissolvit ut glaciem.*

*Sors immanis
et inanis
rota tu volubilis,
status malus,
vana salus,
semper dissolubilis,
obumbrata
et velata
mihi quoque niteris;
nunc per ludum
dorsum nudum
fero tui sceleris.*

*Sors salutis
et virtutis
mihi nunc contraria,
est affectus
et defectus
semper in angaria.*

Fortuna Imperatriz do Mundo

25. Ó Fortuna

(Coro)

Ó Fortuna,
variável
como a lua,
sempre cresces
ou decresces,
detestável vida,
ora oprimes
ora alivias;
brincas com a nossa mente,
a miséria,
o poder,
fundem-se como gelo.

Destino cruel
e vão,
roda, tu que giras;
e és perversa
a felicidade é vã,
sempre a dissimular-se;
pela sombra
e em segredo
aproximas-te de mim;
entrego o meu dorso nu
ao jogo da tua
perversidade.

A sorte na saúde
e a virtude
são-me agora contrárias;
afeições
e derrotas
estão sempre presentes.

*Hac in hora
sine mora
corde pulsum tangite;
quod per sortem
sternit fortem,
mecum omnes plangite!*

Nesta hora
sem demora
tangi a corda vibrante;
pois que a sorte
derruba o forte,
chorai todos comigo!

Tradução de Ofélia Ribeiro

© Gentilmente cedida pela Fundação Calouste Gulbenkian



Carla Caramujo

Soprano

© SÓNIA GODINHO

Carla Caramujo é licenciada e mestre pelas Guildhall School of Music and Drama de Londres e Royal Conservatoire of Scotland. Venceu os Concursos Nacional Luísa Todi (Portugal), Musikforderpreis der Hans-Sachs-Loge (Alemanha), Chevron Excellence, Ye Cronies e Dewar Awards (Reino Unido). Nas temporadas recentes, destaca-se a sua estreia no papel titular em *Raposinha astuta* de Janaček em S. Paulo, Contessa di Folleville em *Il viaggio a Reims* no CCB, soprano na *Missa em Dó menor* de Mozart na Casa da Música, *Sinfonia n.º 2* de Mahler com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, *Sinfonia n.º 4* de Mahler e *Quatro últimas canções* de R. Strauss com a Petrobras Sinfónica, no Municipal do Rio de Janeiro. De destacar também a sua interpretação do papel de Anjo em *Trilogia das barcas* no Teatro Nacional de São Carlos e a sua participação na ópera *La voix humaine* de Poulenc no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, com a Petrobras Sinfónica, sob a batuta de Isaac Karabtchevsky.



Marco Alves dos Santos

Tenor

© DR

Licenciado pela Guildhall School of Music and Drama (bolseiro Gulbenkian). Apresentou-se em papéis como Tamino (*Die Zauberflöte*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duca (*Rigoletto*), Tristan (*Le vin herbé*), Die Hexe (*Hänsel und Gretel*), Gilvaz (*As guerras de Alecrim e Manjerona*), Governor (*Candide*), Ferrando (*Così fan tutte*), Prunier (*La rondine*), Arbace (*Idomeneo*), Tybalt (*Roméo et Juliette*), Almaviva (*Il barbiere di Siviglia*), Acis (*Acis and Galatea*), Male Chorus (*The rape of Lucretia*), Aegisth (*Elektra*), D. Ottavio (*D. Giovanni*), Nemorino (*L'elisir d'amore*), Arturo (*Lucia di Lammermoor*), Conte Alberto em *L'occasione fa il ladro* e Alfred (*Die Fledermaus*), entre outros. Em concerto, destacou-se em Récitant (*L'enfance du Christ*), Evangelista nas *Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão segundo S. João* de Bach, *9.ª Sinfonia* de Beethoven, *Messiah* de Händel, *Petite messe solennelle* de Rossini, *Requiem* e *Missa da coroação* de Mozart, *Serenade for tenor, horn and strings* e *War Requiem* de Britten, *La bonne chanson* de Fauré, *Te Deum* de Bruckner, *Carmina Burana* de Orff, *Magnificat* e *Paixão segundo S. João* de Bach, Ferrando (*Così fan tutte*) e as árias de tenor da *Paixão segundo São Mateus* para a Gulbenkian, entre outras.



Christian Luján

Barítono

© DR

Iniciou os seus estudos no Instituto das Belas-Artes de Medellín, Colômbia. Frequenta o curso de musicologia na FSCH e o de canto no Conservatório Nacional, onde estudou com Manuela de Sá. Prosseguiu os seus estudos no Flanders Opera Studio, na Bélgica, sob a direção de Ronny Lawers, e na International Opera Academy, sob a direção de Guy Joosten. Tem representado: Albert, *Werther* / (Teatro Verdi di Trieste); Marcello / *La bohème* (TNSC); Escamillo / *Carmen* (Operafest); Scarpia / *Tosca* (Operafest); Don Giovanni / *Don Giovanni* (Festival Opera de Obidos); Renato / *Un ballo in maschera*; Sharpless / *Madama Butterfly* (Operafest); Lorenzo, *I Capuleti e I Montecchi* (TNSC); Leporello, *D. Giovanni* / (Alden Biesen Zomeropera); Guglielmo, *Così fan tutte* / (Teatro São Luiz); Un Dieu Infernal, *Alceste*, Gluck (TNSC); Dottor Grenvil, *La traviata* (Brussels Philharmonic); Le Geôlier, *Dialogues des carmélites* (TNSC); Varsonofjev, *Khovansjtsjina* (Vlaamse Opera); Lodovico e Montano, *Otello* (Vlaamse Opera); Vermummte Herr e Otto, *Frühlings Erwachen* (Flagey e Vlaamse Opera), Publio, *La clemenza di Tito* (CCB); Colas (*Bastien und Bastienne*) e Junius Brutus, *The rape of Lucretia* (TNSC-TNSJ) entre outros.



© BRUNO SIMÃO

Antonio Pirolli

*Direção musical e Maestro titular
da Orquestra Sinfónica Portuguesa*

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© COLÉGIO MODERNO

Coro da Escola de Música do Colégio Moderno

O Coro da Escola de Música do Colégio Moderno é formado por cerca de 200 alunos, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos. Este grupo destaca-se pela qualidade e diversidade das suas apresentações, tendo atuado em alguns dos mais prestigiados espaços culturais, como o Centro Cultural de Belém, o Teatro Thalia, o Teatro Nacional de São Carlos, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Sé de Lisboa. Apresenta-se tanto na sua formação completa, como em agrupamentos menores, adaptando-se aos diferentes contextos e programas. O seu repertório é variado, incluindo obras que vão desde o Renascimento até aos dias de hoje, refletindo a riqueza e a amplitude da música coral. Esta diversidade reflete também o compromisso do grupo com a excelência artística, combinando o talento jovem com uma rigorosa orientação pedagógica.



© DR

Francisco Pinheiro

Maestro titular do Coro da Escola de Música do Colégio Moderno

Nascido no Porto, iniciou os estudos musicais aos cinco anos, no Instituto Orff do Porto e, aos oito anos, a aprendizagem de guitarra clássica, ingressando posteriormente no Conservatório da mesma cidade. A par da sua formação enquanto guitarrista, desenvolveu uma intensa atividade coral, pertencendo ao Coro do Conservatório de Música do Porto com a direção de Liliana Coelho. Em 2022, concluiu a licenciatura em direção coral e formação musical na Escola Superior de Música de Lisboa, estudando direção com Vasco Azevedo, Clara Coelho e Paulo Lourenço. Em 2023, ingressou no mestrado em ensino da música (direção coral), que frequenta atualmente. Frequentou *masterclasses* de direção coral com Burak Erdem, Adriano Martinolli, Wei Cheng, Josep Villa, Brett Scott, Rikka Caffrey, Heli Jürgenson e Martina Batič. Estuda canto com Sandra Medeiros. É cantor no Coro Ricercare, no Coro Ecce e no Coro Comtradição, com o qual cantou o protagonista da oratória *Jonas*, de Carissimi. É maestro assistente do Coro dos Amigos do Conservatório Nacional. Em 2024, dirigiu o Coro Participativo Cascais Ópera, com o mecenato da associação Égide. Desde 2021, leciona as disciplinas de formação musical e coro de câmara, na Escola de Música do Colégio Moderno.



© BRUNO SIMÃO

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e Concerto Henze/Corghi (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos com um vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em recitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.



© BRUNO FRANGO

Giampaolo Vessella

*Maestro titular do Coro do
Teatro Nacional de São Carlos*

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente, a sua carreira como barítono solista prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro Euphonia, em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro Euphonia foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico Corale Arnatese e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de cujo Comité Artístico foi membro. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.



Orquestra Sinfónica Portuguesa

© BRUNO SIMÃO

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia O anel do Nibelungo, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e Crossing borders (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Direção Artística

Pedro Amaral

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Conceição Amaral *Presidente*

Rui Morais *Vogal*

Sofia Meneses *Vogal*

Bilheteira São Carlos na Boa Hora

Largo da Boa Hora, n.º 12

1200-289 Lisboa

+351 935 590 196

+351 213 253 045/6

reserva.bilhetes@saocarlos.pt

Bilheteira Teatro Camões

Passeio do Neptuno, 1990-193 Lisboa

+351 218 923 477

reserva.bilhetes@cnb.pt

www.saocarlos.pt



Parceiros da Viagem de setembro a dezembro



opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



SET-DEZ 2025

São Carlos em *andamento*



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

idealista

||| ANTENA 2